

- 08/09/85 - Irmã Rebeca e eu saímos de Belém, no ônibus, carregados de bolsas com os presentes para os Surui.
- 09/09/85 - Chegamos na rodoviária de Marabá, às 10:00 hs. Em São Domingos encontramos Mahi, vinda de Itapuranga no caminhão do irmão dela.  
O encontro com Mahi, tão esperado, foi emocionante, cheio da alegria de reencontrar-se. Mahi trazia consigo a lembrança viva de sua nova despedida. Nos falou de sua família e da experiência durante este ano. Queria saber tudo sobre o regional, as colegas, os voluntários e principalmente sobre o povo Karipuna do Manga.  
Os três juntos comungamos as perspectivas quanto à abertura da base missionária entre os Surui e do batismo da aldeia expressando sentimentos de incerteza, confiança, solidariedade com o povo, dúvidas e fé na ação do Espírito.
- 10/09/85 - Saímos cedo e às 8:00 hs já estávamos no ramal da aldeia com o montão de bagagem. Rebeca e Mahi foram até aldeia da Queimada. O pessoal estava fazendo farinha. Todos suspenderam o trabalho e Api com duas crianças veio ao meu encontro com a carroça. As crianças contaram logo as últimas novidades: dois novos casais em formação e 5 mulheres grávidas.  
Falamos com o pessoal e seguimos apé para a aldeia do P.I. Sororó. A nossa bagagem já estava na casa de SAWARÁ-A E WAI-EAI. A maioria do pessoal estava na aldeia. Foi aquela festa com as costumeiras risadas dos Surui.  
O pessoal nos deu a casa de Tiramé, levantada e coberta de palha. Tinha um palmo de pó e pulgas em abundância. Improvisamos dois girais para apoiar a bagagem e atamos as redes.  
Almoçamos no posto a convite da enfermeira Genisa e pulamos a janta. A tarde fomos com Wai-Wai, Muretama e Sacu até a casa velha e lá tomamos banho. A noite chegou o carro do P.I. com os Surui que estavam em Marabá. Uma parte do pessoal veio em nossa casa e cantamos.  
Fomos dormir com muitas interrogações na cabeça e lutando contra o frio e as pulgas.
- 11/09/85 - Depois da café demos um passeio na mata, trocando impressões e depois comungamos com a Eucaristia.  
Foi um momento sofrido de dúvida e incerteza: Mahi não sabia se estava sentido aceita pela comunidade e não via claro o que fazer. A falta de casa e a completa dependência da comunidade, geravam insegurança. Muretama tinha falado que iam fazer uma grande festa, mas só depois de queimar as roças e nos perguntávamos se esta festa estava ou não ligada ao batismo.  
Era conveniente celebrar o batismo nesta viagem? A comunidade estava mesmo esrando e querendo?  
Voltamos com as dúvidas e passamos o dia visitando as casas e nos encontramos com os alunos na escola.  
A noite houve reunião na casa grande e pulguenta da Mahi. Veio muita gente. Cantamos muito e conversamos.  
De fato estavam esperando o batismo e não queriam mais adiar, Falamos ajudados com slydes, do Dilúvio. A promessa e o Nascimento de Jesus, procurando relacionar tudo isso com o povo Surui e com Batismo. Este encontro, assim como os seguintes foram verdadeiros momentos de diálogo com os Surui.  
Muretama a esposa do Pajé foi a grande intérprete; lembrando e ligando com a tradição dos antigos e aplicando para o momento presente.  
Ficamos animados e a noite pareceu sem pulgas e sem frio.
- 12/09/85 - Levantei disposto e resolvi preparar o quarto e a cozinha da casa da Mahi. Mahi e Rebeca foram lavar roupa na casa velha.  
Armado de picareta remechi o chão e comecei a carregar barro.

A tarde vieram crianças, moças e algumas senhoras e Mahi começou a catequese. A tardinha o chão estava pronto para ser socado.

A noite uma surpresa. Awaçai, com terçado na mão e araral na cabeça começava a dançar. E logo acompanhado por Sawará-a, Aroni, Api e crianças.

Cantam e dançam quase uma hora. Nós ficamos olhando e ouvindo e deixando aquela música descer dentro de nós. Não sabia o que significava aquela dança, não entendia as palavras, mas sabíamos que Deus estava lá porque sentíamos a sua presença. Depois continuou a catequese para a comunidade. O assunto foi o Batismo de Jesus o ensinamento e os milagres. Deus falou através dos antepassados e a Bíblia. A tradição dos antigos é a Palavra de Deus dirigida aos índios. A Bíblia não está em contradição com esta palavra, mas a valoriza e a completa.

O batismo é a nossa resposta ao apelo de Deus e nos confirma na fidelidade à nossa tradição. Batismo é para ser mais Surui.

13/09/85 - Quando o sol nasceu, forte e vermelho, reunimos a comunidade na praça da aldeia e entregamos a Cruz a cada pessoa. Foram terços coloridos presentes de amigos. No mesmo tempo os Surui estavam preparando seus enfeites para o Batismo.

Depois do café continuou o trabalho: carregamento de barro, preparação do piso. Sawará-a recuperou a cocadeira, Arikasu socou o piso, Mahi estava animada e socou também. Awaçai, trazia montes de palha e Sawará-a também.

As moças carregavam água. Ao meio dia o piso estava pronto.

Logo depois Awaçai, Sawará-a, começaram a fechar os quartos com palha e eu ajudava como podia e até que aprendi alguma coisa como braçal.

Mais tarde veio Muretama.

A catequese continuou e a tardinha o quarto estava pronto.

Mahi estava animadíssima. A catequese foi sobre a morte e ressurreição. Muretama continuou com as suas intervenções. "Surui também sabe que continua a viver e vai voltar a viver. Os antigos já ensinavam isso".

14/09/85 - O dia amanheceu festivo com a distribuição da roupa do batizado: camisas com o mapa do Pará e Anapá e os nomes dos povos indígenas em forma de sol; saias e shorts. O pessoal adorou e foi logo experimentar.

Mahi e Rebeca foram lavar roupa, com Maria esposa de Arikasu e crianças corregermos toda a poeira do restante da casa grande de Mahi e expulsamos as pulgas.

O pessoal foi buscar genipapo e urucú e a tarde toda foi dedicada à pintura.

Rebeca foi pintada de passarinho e eu de onça. A aldeia vivia à grande animação em preparação da grande festa.

A catequese foi sobre a celebração do Batismo e a Ressurreição do índio, através dos slides "O índio aquele que deve viver". Repito: conhecemos os Surui desde 1978, mas nunca tinha presenciado encontros tão participados, em todo sentido. Foi um diálogo que não se reduziu a ideias, mas pegou as pessoas na sua totalidade e aspectos. Algo estava crescendo em nós e neles, algo que nos superava e permeava.

15/09/95 - É o dia do batizado. As mulheres preparam a tinta de urucú e colocam enfeites. É espetáculo bonito de se ver e a animação toma conta da aldeia.

É difícil descrever o que aconteceu, porque é uma experiência que não tem palavras que expressem. A liturgia foi simples e solene.

A comunidade se reuniu num grande círculo na praça da aldeia, dividida por grupos familiares.

Depois do sinal da CRUZ, Rebeca formula uma pergunta para cada grupo familiar:

Awaçai, queres ser batizado, junto com a tua família, na tradição dos antigos e no nome de Jesus"? As respostas vinham firmes: "Sim quero"!

Nos deslocamos para a casa de Mahi.

Seguiu a Palavra de Deus, sobre o Batismo de Jesus. Lembrei a morte e a Vida simbolizadas pela água, a história de morte dos Surui e o compromisso com a VIDA, já presente e atuante na pequena comunidade.

Lembrei que junto com a água estava presente o ESPÍRITO, que é Deus conosco na luta contra o mal.

Lembrei a MISSÃO do povo Surui, Testemunha na sociedade e na Igreja através da

18/10/1980  
ISA

fidelidade aos valores de sua herança.

Prosseguimos com a bênção da água e o sinal do urucú nos pés (caminho bom), nos olhos (verdade) e na testa (vida).

O urucú sinal de guerra e de festa.

"Que Jesus seja para vocês caminho, verdade e vida e a força na luta contra o mal.

Logo após junto com os guerreiros armados e o pajé fomos até o centro da aldeia expulsando os espíritos maus nas 04 direções.

"Que o mal seja expulso deste lugar e que o repartir e a união sejam a lei deste povo pelos séculos vindouros..."

Seguiu o batismo por grupos familiares.

Um banquinho estava ao lado da mesa rodeada de guerreiros com seus enfeites e arco e flechas. Até os pequenos não precisavam serem carregados, porque criança indígena cedo sabe se virar.

Um, após outro vinham e toda comunidade respondeu o AMÉM, a cada batizado.

Logo depois convocamos os espíritos dos antepassados e os amigos do céu. Convocamos ESPÍRITO DE DEUS, ESPÍRITO DE SABEDORIA, AMOR, VIDA e FORÇA.

Seguiu a unção da testa.

Terminamos ainda na praça da aldeia com o Pai Nosso de mãos dadas.

Inútil dizer que toda a liturgia foi animada por cantos e bater palmas.

Depois da celebração uma surpresa não programada a DANÇA TRADICIONAL DOS SURUI-

"SAPURAIHAI", complemento natural e espontâneo do Batismo Surui.

O sol estava quente e depois de meia hora parou, adiada para noite.

À tarde do domingo foi dominada por uma alegria profunda. A tardinha a brincadeira com as crianças há muito prometida. Casados e solteiros brincavam de bola.

A noite houve a grande festa "DANÇA". Foi de improviso, mas o povo todo estava lá, até Marotama com a barriga enorme de grávida e candada de tanto pintar.

Os Surui dançaram. Não era só Awaçai dirigindo a dança, mas Mikwa, Sawaá-a, Wareni. Danças e danças há tempos relegadas.

Mahei, nota de Areni, de 5 anos estava sentada no colo de Rebeca. Rebeca pergunta: "cadê teu pai e tua mãe? Não vais dormir?" E ela: "Eu não gosto muito disso".

Uma criança, uma resposta e uma esperança que te enche o coração e povoa sonhos a tua cabeça.

Os cantos, os olhos do pessoal, os gestos te colocavam em comunhão com um mundo antigo e ainda presente na alma do povo. Nesta noite transbordou e tomou forma. Saímos de madrugada deixando a Mahi no seu quartinho.

Com palavras e em nosso coração davamos graças a Deus, meditando o grande presente que o Povo Surui e nós recebemos.

Achamos importante comunicar esta experiência para os colegas de missão de nosso regional e outros amigos.

Um abraço,

Pe. Nello e Irmã Rebeca